

O MAL-ESTAR DAS INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO URBANO: UMA REFLEXÃO DO ROMANCE “O SEMINARISTA”.

Juliana Gabrielle Lichtnow¹
Regina Coeli Machado e Silva²

RESUMO: A literatura é produzida dentro de um contexto sociocultural, e está sujeita às variações ou mudanças que nela ocorrem. Assim, pode-se dizer que a literatura e sociedade mantêm vínculos estreitos. De acordo com Antonio Candido, a literatura é verossímil, ou seja, ela se assemelha com a realidade social, pois, autor, obra e público estão intrinsecamente ligados, formando uma tríade indissolúvel. Este presente artigo tem como objetivo compreender O Seminarista de Rubem Fonseca, escritor da literatura contemporânea brasileira, tentando observar essa máxima de Antonio Candido. Foi analisado no romance o paradoxo da máxima visibilidade na vida pública de contextos urbanos, com o aumento da solidão, do isolamento e da impessoalidade ocasionados nas interações sociais das sociedades contemporâneas e no Brasil.

Palavras-chave: Antropologia da arte – literatura brasileira contemporânea – Rubem Fonseca.

ABSTRACT: The literature is produced inside a social-cultural context, and it is a subject of changes. Like this, it is said the literature and society keeps strait links. According to Antonio Candido, the literature is similar to the real life, in the other words, it similar with the social reality, because, author, work and public are intrisically linked, forming a link that can't be broken. This article aims understand O Seminarista, Rubem Fonseca's book, he's a contemporary Brazilian writer of literature, trying to notice Antonio Candido's thoughts. It was analyzed in the romance the paradox about the overview of the public life in urban context, with the loneliness and impersonality increase caused by the social interactions of contemporary societies and in Brazil.

KEY-WORDS: Anthropology of art – Contemporary brazilian literature – Rubem Fonseca.

¹ Acadêmica do curso de Letras. Bolsista PIBIC/UNIOESTE /FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA.

² Professora da Unioeste Campus de Foz do Iguaçu, Doutora em Atropologia Social pela UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional). Email: coeli.machado@yahoo.com.br

A premissa de Antonio Candido, de que a literatura brasileira é verossímil, ou seja, ela assemelha-se com a realidade social, sustenta a ideia de que autor, obra e público estão intrinsecamente ligados, formando uma tríade indissolúvel no contexto social. A sociedade define a posição e o papel do artista, como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores por ele propostos, configurando e sendo influenciado pelo público. O artista toma para si a tarefa de criar uma obra, e pode ou não ser reconhecido pela sociedade como criador ou intérprete. O destino de sua obra está intimamente ligado a esta circunstância, pois recebe influências dos valores e ideologias propagados em sua época e isso influencia a forma e o conteúdo da obra. A reação do público em relação a determinado objeto artístico irá influenciar o próprio artista e suas decisões em relação ao que produz.

São com estas referências que se pretende, neste artigo, compreender o paradoxo da máxima visibilidade com o aumento da solidão, do isolamento e da impessoalidade, ocasionadas nas interações sociais no contexto urbano das sociedades contemporâneas e do Brasil, como o apresentado *O Seminarista* de Rubem Fonseca (2009), escritor da literatura brasileira.

Os dados para este exercício de reflexão foram obtidos por meio da leitura e sistematização de fontes bibliográficas cujos temas foram a sociabilidade cotidiana dos grandes centros urbanos, principalmente aquela que dá lugar à violência nas interações sociais experimentadas entre o espaço público e o privado. A bibliografia utilizada foi da área de antropologia, sociologia e da teoria literária que se dedica ao tema da relação literatura e sociedade. Também foram lidos alguns romances de Rubem Fonseca, como *Feliz Ano Novo* e *Agosto*, bem como vários de seus contos. Para esta análise, foi lido o romance *O seminarista*.

O seminarista é um romance policial de 178 páginas, lançado pela editora Agir, em 2009. O romance é narrado em primeira pessoa pelo próprio personagem principal, ex-seminarista, amante de poesia, apaixonado por *rock*, livros, mulheres e incapaz de “machucar até mesmo uma mosca”, o que é contraditório, pois ele também é um matador profissional. Com essa atividade, não gostava de saber de nada da vida das vítimas, como ele mesmo diz: “No dia seguinte, não lê os jornais

para não saber do caso e nem saber nada sobre sua vítima”(p. 13). O nome dele é José Joaquim Quibir, mas é “conhecido como o Especialista, contratado para serviços específicos” (p. 7). Um fato interessante é que esse mesmo personagem principal de *O Seminarista* foi o antagonista do conto *Belinha*, do livro *Ela e outras mulheres*.

A trama do livro gira em torno na tentativa de José se aposentar. Mas, nessa tentativa, ele foi ao mesmo tempo “sugado” de volta para a vida de matador profissional, o que tornou uma espécie de prisão para ele, pois todas as ações que empreendia para se libertar envolviam-se umas nas outras, em virtude das consequências das ações passadas. Tal prisão atormenta-o durante todo o romance, a partir do momento em que ele decidiu interromper sua profissão, como matador profissional.

O motivo pelo qual não conseguiria se aposentar é exatamente porque ao ter concluído um “serviço”, matando alguém que tinha informações valiosas para terceiros, ele se tornou o principal suspeito de ter informação contidas em um *disket* e começa a ser procurado para prestar contas. A história segue assim na tentativa de solucionar o enigma de quem está por trás disso.

Desde o início do romance, o “Especialista” considerase um futuro ex-matador de aluguel, que se relaciona com suas vítimas de maneira impessoal, como, por exemplo, ao ter sido contratado para matar um homem em uma festa de natal. Ele “maquinou” todo um plano para parecer convidado e não causar suspeitas para os outros: “vesti uma roupa alinhada, peguei uma caixa vazia e fiz um enorme embrulho de presente. Coloquei sob a camisa a minha Beretta com silenciador e toquei a campainha da casa do freguês” (p. 8). Na festa, o “freguês”, como ele tratava suas vítimas, o atende e ele descreve assim: “Para a minha sorte quem abriu a porta foi o papai Noel. ‘Entra, entra’, disse ele, ‘Feliz Natal!’ ‘Faz Ô! Ô! Ô! Para mim’, pedi, enquanto constatava a berruga ao lado do nariz. Ô! Ô! Ô! , ele fez. Dei um tiro na sua cabeça” (p. 8).

Como se pode ver, o cuidado de vestir-se adequadamente, de levar um pacote embrulhado de presente para não levantar suspeitas, de modo a haver interação pessoal com a vítima, até matá-la de fato, são exemplos de como as interações público e o privado se entrecruzam e sustentam a relações de violência do romance. Essas interações só são possíveis em um

contexto urbano, como afirma Sennet, em seu livro *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*, (2001). Esse autor descreve o paradoxo vivido nas grandes cidades urbanas expresso, por um lado, pela máxima visibilidade e, por outro, pela solidão do isolamento da impessoalidade.

O paradoxo cria interações aprofundadas pela crescente valorização dos sentimentos da intimidade e pelo declínio da sociabilidade da vida pública, como acontece no romance, que se passa na cidade do Rio de Janeiro. Nesse entrecruzamento do público com o privado aumenta a ocorrência de interações conflituosas, um dos temas principais do romance, que geram mais violência por causa da frustração e das traições entre o matador profissional e seus “supostos” amigos. Isso porque são esses “amigos” que se “fingem” de desconhecidos para tentar matá-lo.

O personagem, apesar de solitário, resultado de sua profissão, ressalta que tem dois amigos — um colega da época do seminário, o DS, e o outro de infância, o Sangue de Boi — que não via há tempos, mas pelo qual tinha uma forte consideração. Os dois faziam parte de sua história pessoal e são, para ele, pontos de referência importantes: o Sangue de Boi, pelas histórias relacionadas à família; e o DS, pelas lembranças do seminário. Aliás, os tempos de seminário estão sempre presentes através de sua mania de pronunciar frases em latim, sempre de autores e/ou pensadores famosos como Horácio, Virgílio, Cícero e outros. Amigos que o traem. Traição possível, pois, na profissão de Zé, ao mesmo tempo em que ganha alguma coisa, perde alguma coisa, ou seja, ao mesmo tempo, tem amigos de longa data e não pode se dar a oportunidade de confiar em ninguém, pois as interações que o trabalho proporciona estão longe de ser consideradas confiáveis.

Tendo recebido muito dinheiro como matador, o Especialista resolve se aposentar, acreditando que poderia viver *tranquilamente* até o final da sua vida. Doa suas “roupas finas ao porteiro do prédio” (p. 39), desfaz-se de sua arma de estimação e conhece Kirsten, sua namorada (p.43). Ele mal suspeitava que todos os fantasmas de seu passado recente voltariam para atormentá-lo através dela. Kirsten era filha do Despachante, o “Chefe”, outra pessoa com a qual ele acha que tem um relacionamento confiável: “ele diz quem é o freguês, me dá as coordenadas e eu faço o serviço.” (p.7). E Kirsten “a mando” de

seu pai envolve-se com o Especialista para espioná-lo. Mesmo tendo deixado a profissão, seu chefe começa a ser suspeito de ter informações sigilosas, das quais ele supõe que José as tenha.

O fato é que todo o plano para espionar José faz com que a filha do “Chefe” se apaixone, o que muda a trama da história. Embora Kirsten soubesse quem era José, ele não sabia e nem desconfiava de quem ela era, possibilidade dada pelas relações próprias da impessoalidade na vida pública. É pela condição de um encontro fortuito na vida pública que Kirsten encontra José para tirar as informações de que necessita.

Outro fato que torna a interação possível é a relação de ambivalência entre indivíduos na sociedade individualista, estudadas por Baumann (1999). As pessoas, apesar de se conhecerem, não estabelecem uma interação sólida. As interações face a face que começam a ser deixadas de lado em contextos urbanos, estudadas por Berger e Luckman, permeiam as interações cotidianas das sociedades de hoje, e podem ser pensadas através das ações e interações de José com suas vítimas, descritas no romance de Rubem Fonseca.

Nessas interações, a primeira frustração de Zé no romance foi ter sido enganado pela mulher que amava. Porém, compreende que Kirsten só fez aquilo para ajudar seu pai, “O Despachante”, ou “Gunther Sweder” (p.78), como ele se apresentou no dia em que o José encontrou pai e filha juntos (Gunther e Kirsten), conversando em um Café. Para Sennet (2001), existem duas imagens que vêm a mente como “tirania da intimidade”: a da parte privada, que pode ser identificada, no romance, na rotina doméstica que Zé e Kirsten compartilhavam. Apesar de estarem juntos a algum tempo e mostrarem o sentimento de amor um pelo outro, ambos vivem vidas paralelas, escondidas um do outro. Zé dizia que fazia instalações de artes e Kirsten mentiu sobre o motivo se relacionar com ele, foi somente para ajudar seu pai. Por outro lado, foi o pai que pediu a sua filha para enganá-lo, porque tinha sido “jurado de morte” por Sangue de Boi, que estava fazendo um trabalho a mando de D.S., que, por sua vez, queria o *disket* de uma das vítimas que José matou. Por isso, a insistência de D.S. em conseguir o *disket* e em matar quem poderia ter tido o acesso a tais informações que o comprometiam.

Essa relação, ou melhor, interação que D.S. e Sangue de Boi tinham com José são “tirania da intimidade” também, mas

numa esfera pública: “o Estado policial em que todas as atividades, todos os amigos, e todas as crenças de uma pessoa passam através de uma rede de vigilância governamental” (SENNET, 2001, p. 411). No romance isso pode ser notado na paranoia de Zé, sempre desconfiado que alguém está a caçá-lo.

Esses dois tipos de interações, como afirmou Sennet (idem), *de tiranias de intimidade*, uma da esfera pública e outra da privada, são visíveis no romance, pois Zé se sente refém das interações estabelecidas por ele. Ao começar o relacionamento com Kirsten, duvida da veracidade de um encontro por acaso.

em casa depois de uma especulação, conclui que o meu encontro com a Kirsten na *delicatessen* poderia ter sido por acaso ou não. Ela podia ter derramado café no braço acidentalmente ou não. Fora tudo planejado? Ela aceitaria muito rapidamente o convite que eu fizera par ver o filme em minha casa? Ela queria o que de mim? Confesso que sempre fui um pouco paranóico, mas foi isso que me manteve vivo” (O SEMINARISTA, p.51).

Esse mal-estar da contemporaneidade está sempre presente na interação dele com Kirsten. Os desenvolvimentos dos signos de manutenção numa relação impessoal não são vistos como necessários, pois as relações estabelecidas pela impessoalidade são colocadas sob suspeita sempre, fazendo com que se busque sinais de confiança para sua manutenção. Este dilema ético também foi analisado por Zygmund Bauman (1999), ao explorar a crescente valorização da moral privada, que tem como contrapartida a identificação da vida pública como um lugar de risco e de exploração ao perigo permanente, criando uma relação de ambivalência nas interações cotidianas.

Berger e Luckmann acreditam que tal dilema torna-se compreensível quando consideramos que as interações sociais do cotidiano da vida urbana estão baseadas, fundamentalmente, em relações “face a face” (2000). Isto faz com que a sociabilidade pública resulte em uma situação constante de risco, pois as interações “face a face” ocorrem em um contexto que, cada vez mais, supõe dificuldades de tipificação recíproca pela diversidade e pela multiplicidade de grupos das grandes cidades. Uma das conseqüências é uma percepção, que existe desde o advento da modernidade, que concebe as interações cotidianas entre pessoas e grupos como limitada a uma “troca de favores” interesseira. Ou seja, enquanto você tem um dado valor

O MAL-ESTAR DAS INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO URBANO: UMA REFLEXÃO DO ROMANCE “O SEMINARISTA”

para aquele indivíduo você é importante, mas se a relação não tiver mais conveniência, a relação é “descartada”.

Os conceitos de Sennet (1988), Baumann (1999) e Berger e Luckman (2000), que permeiam as interações cotidianas na sociedade contemporânea aprofundam a compreensão das situações descritas no romance *O Seminarista*, de Rubem Fonseca, ultrapassando a leitura de entretenimento, de “choques”, espanto e repulsa do leitor comum. Também foi possível o aprofundamento analítico da premissa de Antonio Candido (1985) sobre a verossimilhança da literatura brasileira e a realidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.

_____. *Ética Pós-Moderna*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

FONSECA, Rubem. **Agosto**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 1990.

_____. **Ela e outras mulheres**: Ed. Companhia das Letras, 2006.

_____. **Feliz Ano Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1975.

_____. **O Seminarista**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: As tiranias da intimidade**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Deonísio da. **O caso Rubem Fonseca: Violência e Erotismo em Feliz Ano Novo**. São Paulo. Ed. Alfa-Omega, 1983.